



# AEDOS

Revista do corpo discente  
do PPG-História da UFRGS

## **A sociabilidade da elite nas festas no Rio de Janeiro (1808-1821): uma análise a partir da imprensa**

Leonardo da Silva Martinelli<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo da chegada da corte portuguesa ao Brasil e as transformações que se desencadearam a partir desse fato contribuem para um maior entendimento do processo histórico de construção da sociedade e cultura brasileira. O presente artigo propõe analisar a sociabilidade da elite nas festas do Rio de Janeiro a partir das informações noticiadas pela *Gazeta do Rio de Janeiro*. Realiza-se uma pesquisa por amostragem entre 1808 e 1821, período joanino no Brasil. Nesse período pretendemos compreender e discutir essa relação, bem como o papel desempenhado pela imprensa.

**Palavras-chave:** Sociabilidade. Elite. Festas.

**Abstract:** The study of the arrival of the portuguese court in Brazil and the changes that unleashed since then, contribute for a better understanding of the historical process on the construction of Brazilian society and culture. The present article proposes to analyze the elite sociability in parties in Rio de Janeiro, using information published by *Gazeta do Rio de Janeiro*. It carries out a research through sampling between 1808 and 1821, the Johannine period in Brazil. In the proposed period, we intend to comprehend and discuss this relation, as well as the role performed by the press.

**Keywords:** Sociability. Elite. Parties.

### **Considerações iniciais**

A chegada da corte portuguesa ao Brasil e as sucessivas transformações que se operaram na então colônia, especialmente no Rio de Janeiro, sede da monarquia, são fundamentais para compreendermos as relações de sociabilidade que se estabeleceram entre a elite migrada e a elite local. Busca-se analisar essa relação nas festividades<sup>2</sup> noticiadas na *Gazeta do Rio de Janeiro*, periódico criado no ano de 1808.<sup>3</sup> A justificativa desta escolha se

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e na atual condição de mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na mesma Universidade. Bolsista CAPES. E-mail: leonardos.martinelli@gmail.com

<sup>2</sup> Neste trabalho estamos utilizando os termos “festividades”, “festas” e “festejos” com o mesmo sentido. Enquanto eventos lúdicos, de entretenimento, comemorativos.

<sup>3</sup> O acesso à fonte foi realizado no *site* da Biblioteca Nacional no acervo da hemeroteca digital disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Os fragmentos extraídos da *Gazeta do Rio de Janeiro* e citados neste trabalho se manterão na ortografia original, sem alteração, pois não comprometem a leitura do texto. Utilizamos o termo “gazeta” para referir o tipo de periódico em questão, já *Gazeta* ao fazer menção diretamente à fonte.

deve ao fato de que nos eventos lúdicos promovidos as duas elites estreitavam seus vínculos a partir da sociabilidade. A compreensão dessa se dá a partir dos relatos da *Gazeta*, numa pesquisa por amostragem, que tem como finalidade apresentar um panorama de publicações que possibilitem um olhar para o período joanino no Brasil. A pesquisa foi realizada através de um mecanismo de busca pelas palavras: “festas”, “bailes” e “natalício”, totalizando 62 edições. Metodologicamente estamos utilizando a análise de conteúdo<sup>4</sup> temático a partir das relações entre história e imprensa.

O objetivo deste estudo é analisar o papel da *Gazeta do Rio de Janeiro* na estruturação da sociabilidade da elite nas festividades no Rio de Janeiro. O argumento que pretendemos apresentar é de que a *Gazeta* fortaleceu e ajudou a construir a sociabilidade desse grupo, que valorizava *status* social e prestígio, ampliados e valorizados ao tornar públicos tais acontecimentos pelo periódico. Inicialmente, realizaremos uma breve contextualização a respeito da situação internacional na época da chegada da corte portuguesa ao Brasil, adentrando nas transformações que ocorreram no Rio de Janeiro. Na sequência, discute-se o entendimento de elite, sociabilidade e a descrição de algumas das festas noticiadas pela gazeta, apresentando as principais características de sua publicação. Tal organização visa conduzir o olhar do leitor à função desempenhada pela *Gazeta* na manutenção de uma estrutura social preconizada, em que a sociabilidade nas festividades era um dos elementos que reforçavam esse sistema.

## Antecedentes

O reino de Portugal era governado pela rainha Dona Maria, desde 1777. Dom José era o próximo na linha de sucessão, mas morreu em 1788. Com a morte do irmão, o infante Dom João tornou-se herdeiro ao trono. Problemas de saúde enfrentados por sua mãe fizeram com que assumisse em 1792, e o prolongamento dessa situação o levou a assumir formalmente o trono em 1799.<sup>5</sup>

O regente Dom João estava à frente do trono quando teve que solucionar os problemas de aliança enfrentados por Portugal em razão da ascensão de Napoleão Bonaparte ao governo francês. Tal situação era resultado de um expansionismo napoleônico, que pretendia projetar-se para além do território francês. No entanto, não obteve êxito ao enfrentar os ingleses na

---

<sup>4</sup> MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Educação*, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999. Embora não tenhamos seguido todos os passos dessa metodologia, nos apoiamos em alguns de seus pressupostos para organização e análise do periódico.

<sup>5</sup> Sobre a vida de Dom João VI, ver PEDREIRA; COSTA, 2008.

batalha naval de Trafalgar, em 1805. Contudo, as hostilidades entre França e Inglaterra permaneciam. Não sendo capaz de vencer a Inglaterra por mar, Bonaparte tenta enfraquecê-la através do Bloqueio Continental decretado em 1806, proibindo comercializações com aliados europeus.

Nesse dilema, os portugueses deveriam optar de qual lado ficariam: se com os franceses ou com seus antigos aliados, os ingleses. A passagem a seguir sintetiza a situação da Europa em 1807:

o rei da Espanha mendigando em solo francês a proteção de Napoleão; o rei da Prússia foragido da sua capital ocupada pelos soldados franceses; o Stathouder, quase rei da Holanda, refugiado em Londres; o rei das Duas Sicílias exilado da sua linda Nápoles; as dinastias da Toscana e Parma, errantes; o rei do Piemonte reduzido à mesquinha corte de Cagliari [...] o czar celebrando entrevistas e jurando amizade para se segurar em Petersburgo; a Escandinávia prestes a implorar um herdeiro dentre os marechais de Bonaparte; o imperador do Sacro Império e o Próprio Pontífice Romano obrigados de quando em vez a desamparar seus tronos que se diziam eternos e intangíveis (LIMA, 2006, p. 49).

A demora na definição de uma tomada de posição por parte da Coroa portuguesa levou a represália através do tratado de Fontainebleau, de 1807.<sup>6</sup> Dom João, sua família e grande número de súditos optaram pela mudança para o Brasil, escoltados pela proteção marítima dos ingleses, ajuda que seria posteriormente recompensada por meio de tratados. Entre os que seguiram a família real nessa jornada estavam “membros da nobreza portuguesa, conselheiros reais, confessores e criados” (SCHULTZ, 2008b, p. 110).

### **As transformações no Rio de Janeiro**

A cidade que abrigou a corte teve, inicialmente, que alojar os migrantes que acompanharam Dom João, cujo número oscilou entre 4 a 15 mil indivíduos.<sup>7</sup> No Rio de Janeiro, algumas práticas e hábitos dos habitantes podem ajudar a elucidar o cotidiano na nova sede da monarquia. “Atirava-se pela janela, sem aviso algum e a qualquer hora do dia ou da noite, a água suja, as lavaduras da cozinha, as urinas, os excrementos acumulados de toda a família” (MALERBA, 2000, p. 130). Um indicativo do aroma que exalava pelas ruas da cidade.

---

<sup>6</sup> Esse tratado foi assinado entre França e Espanha e pretendia dividir o território português e suas colônias ultramar como resultado da situação diplomática mantida pelo governo de Portugal com os demais países, especialmente França e Inglaterra.

<sup>7</sup> Sobre essa discussão, ver o trabalho de PEDREIRA; COSTA, 2008, especialmente o capítulo 6.

Muitos desses hábitos da vida citadina no Rio de Janeiro não eram tão diferentes de outras cidades na mesma época. Porém, com a vinda da corte, muitas modificações se empreenderam. Mary Del Priore (2007, p. 333) destaca:

A cidade ficou mais cosmopolita, o número de seus habitantes cresceu, as formas de trabalho se sofisticaram, os encontros culturais se multiplicaram, os grupos de estrangeiros mesclaram-se aos naturais, a língua falada e escrita ganhou palavras novas, enfim, o dia a dia se modificou.

Na outra ponta do espectro social, ainda vigorava o sistema escravista como principal forma de produção e base da organização social. Esse sistema era aceito e reproduzido normalmente no Brasil, diferentemente do reino de Portugal, que, em 1761, já caminhava rumo à abolição. Entretanto, em seu vasto império, especialmente na América e possessões da África, tal sistema era mantido sem restrição. Kirsten Schultz (2008a, p. 24) destaca que o estabelecimento da corte no Rio de Janeiro prospectava uma transformação que deveria romper com os resquícios de um passado pautado na escravidão, bem como de atividades vigentes, como as gelosias, que não estariam em conformidade aos ideais de civilização, tampouco às expectativas suscitadas com a instalação da corte. No entanto, não seria fácil romper com esse passado colonial, e nada se fez para acabar com a escravidão.

A presença da corte portuguesa possibilitou uma “europeização dos costumes”, como ressalta Malerba (2000, p. 187-188); no entanto, o autor questiona se anteriormente já não havia essa influência pelas classes superiores, ou se isso se intensificou apenas sobre as demais. Essa interação permitiu que os grupos se apropriassem de elementos constituintes dos reinos migrados e passassem a reproduzi-los. Como as fronteiras que delimitam cada grupo são flexíveis e permitem a interação, a reapropriação de modos de vestir e de se comportar, por exemplo, é modificada, havendo, assim, uma “circularidade cultural”, conforme salienta Ginzburg (2006).

Ao longo da estadia prolongada de toda corte, acontecimentos de relevância política ocorreram, entre os quais a elevação do estatuto da colônia a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em 1815. Três anos depois, as festividades ganharam palco em razão das solenidades da aclamação de Dom João VI, que já era rei desde a morte de sua mãe, em 1816, embora o ato oficial tenha sido realizado somente em 1818. Contudo, já governava há mais de vinte anos.

Desde a mudança para o Brasil, a Coroa preocupou-se em dotar a nova sede com elementos da cultura europeia: realizou empreendimentos, criando e modificando o cenário do Rio de Janeiro; instalou a Biblioteca Real, transportada tempo depois da partida; recebeu a

Missão Francesa em 1816, contribuindo com o desenvolvimento das artes; criou o Teatro São João em 1813, cumprindo um papel lúdico, festivo, em parte, por comemorações políticas. Para atender às novas demandas decorrentes da vinda da corte, ainda foram criados o Banco do Brasil, o Jardim Botânico, a Academia de Belas-Artes. As várias transformações<sup>8</sup> ocorridas na cidade do Rio de Janeiro na época construíram um cenário mais adequado para as festas e sociabilidade da elite nesse novo espaço. As festividades e comemorações passaram a circular nas páginas da recém-criada *Gazeta do Rio de Janeiro*, ampliando a rede de sociabilidade desse grupo.

A Imprensa Régia é criada em 13 de maio de 1808. Já a *Gazeta* teve sua primeira edição em 10 de setembro, num sábado. A demanda por tal empreendimento era notória, como se pode observar na citação:

Tal fato deu-se porque pela lógica do Antigo Regime não fazia sentido haver uma corte sem uma gazeta, já que esta cumpria um importante papel na instituição monárquica: era, antes de tudo, um instrumento de afirmação da realeza perante todo o corpo social, uma vez que através da palavra o rei circularia sua imagem com toda plenitude para os seus súditos (MEIRELLES, 2007, p. 30).

De modo geral, abordava questões internacionais, principalmente em razão das mudanças acarretadas pelo expansionismo napoleônico. Também noticiava despachos, avisos, festividades, aniversários, inclusive festas em outras capitanias, repercussão de determinados acontecimentos. Tinha um formato específico: “Seguia a dimensão-padrão das folhas estrangeiras (19cm X 13,5cm), com formato *in-quarto*, características que já apontam algumas semelhanças com o estilo e a estrutura da *Gazeta de Lisboa*, folha oficial portuguesa originada em 1715” (MEIRELLES, 2007, p. 30 - grifo do autor).

Portanto, o periódico criado no Brasil teve características semelhantes às gazetas do antigo regime europeu. Podemos diferenciar duas formas de impressão na *Gazeta do Rio de Janeiro*: as edições ordinárias, que circulavam às quartas e aos sábados; as edições extraordinárias, que poderiam circular em quaisquer outros dias, caso houvesse informações que julgassem pertinentes aos leitores e não pudessem esperar a edição semanal. As edições ordinárias, normalmente, tinham quatro páginas, já as extraordinárias poderiam ter até o dobro de páginas. A informação poderia continuar numa gazeta subsequente ou limitar-se a uma edição. Neste trabalho, ambas foram utilizadas, destacadas a partir da seleção já mencionada.

---

<sup>8</sup> Sobre as transformações citadas e as demais, ver SCHULTZ, 2008b.

Havia a seção de “Notícias” e a seção de “Avisos” (anúncios). Não havia uma divisão clara por temas, e algumas notícias eram retiradas de periódicos europeus. Citam-se também as “Notícias Marítimas” de entrada e saída de embarcações. No entanto, não foram em todas as edições do período em análise que essas informações figuraram.

É importante salientar que não havia imagens na *Gazeta do Rio de Janeiro*. Logo, nos valem apenas das informações textuais dos redatores para realizarmos nossa análise, aliadas à bibliografia que trata do período em questão. Três foram seus redatores: “de 1808 a 1812 esteve à frente da redação frei Tibúrcio José da Rocha; de 1812 a agosto de 1821, foi Manuel Ferreira de Araújo Guimarães; e, com sua demissão assumiu Francisco Vieira Goulart, que ficou até o final de 1821” (MEIRELLES, 2007, p. 38). É preciso destacar que em 1822 o periódico surgiu com novo nome – *Gazeta do Rio*.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* surgiu como um órgão do governo português no Brasil e, como tal, esteve sempre a seu serviço. No que diz respeito ao público leitor, inicialmente, ressaltamos que para adquirir a gazeta era necessário ter condições financeiras, entretanto, outras questões precisavam ser consideradas. Marialva Barbosa (2010, p. 21) diz que somente “uma mentalidade abstrata pode atribuir valor efetivo a algo imaterial como ideias que circulam sob a forma de jornais”. Nesse sentido, a importância atribuída ao periódico por parte dos leitores destaca também o aspecto cultural como fundamental para essa aquisição, ao mesmo tempo delimitando o pertencimento a esse grupo. Em contrapartida, o público que não sabia ler e/ou que não tinha condições de adquirir a gazeta também ficava sabendo das notícias e informações pelos outros. Nas rodas de conversas, nos grupos de convívio, as notícias também chegavam até às camadas inferiores. A partir daí a compreensão dessas se abria a várias possibilidades.

É fundamental, também, destacar a importância que a *Gazeta do Rio de Janeiro* desempenhou nos idos do século XIX não apenas por nos fornecer subsídios para entendermos a sociabilidade da elite nas festividades no Rio de Janeiro, mas também por ser uma forma de sociabilidade. A partir das leituras de Guerra (2002) e Pimenta (2003), trabalhamos com essa hipótese, destacando duas possibilidades: a primeira diz respeito ao fato de que a gazeta aproximava os leitores para discutir os assuntos divulgados; a segunda, porque proporcionava possibilidades de convivência e encontros a partir das informações que noticiava.

Ao analisarmos a sociabilidade nas festividades relatadas pela *Gazeta*, verificamos outras possibilidades de sociabilidade e seu poder de difundir e promover outros encontros entre os sujeitos. Nossa ênfase se dá sobre as festividades enquanto sociabilidade, já que

nessas ocasiões as elites, migrada e local, entravam em contato de forma diferente das demais situações. Pensamos que seja nas festividades que os sujeitos constroem laços afetivos – mas também movidos por interesse – cuja relação sociável angariaria benefícios, visibilidade e prestígio – amplificadores de sua imagem na sociedade.

As festas são rituais que possibilitam a visibilidade dos grupos; os espaços ocupados são representativos dos lugares que esses ocupam na hierarquia social. É um momento em que as elites, ao mesmo tempo em que constroem mecanismos de diferenciação, abrem espaço para aproximações e tornam público seu *status* perante os demais, seja como patrocinadores das festividades, anfitriões, seja, mesmo, como convidados. Nessas ocasiões a “identidade” desse grupo é enfatizada, construída e modificada. Não raro, tornam esses eventos festivos palco para expressarem vaidades, cobiças, traçando possibilidades de associação, aproximações e, quiçá, afastamentos escondidos nos meandros da diversão.

A sociabilidade nas festividades, portanto, apresenta potencialidades para pensar as relações sociais, situando-as no cenário em que são engendradas. A nomeação por um órgão a serviço do Estado monárquico, como a *Gazeta do Rio de Janeiro*, possibilita pensar essa sociabilidade em suas múltiplas conexões. Por ser também uma forma de sociabilidade, as festividades não só aparecem mencionadas, mas também as divulgações da ocorrência desses acontecimentos antecipam os sujeitos aos preparativos do evento. Diante disso, novas sociabilidades são desenvolvidas na véspera das comemorações. Atrelando esses fatores, a festividade nomeada pela imprensa adquire uma importância necessária para compreender parte das relações estabelecidas entre a elite no período joanino no Brasil.

Nesse sentido, a *Gazeta do Rio de Janeiro* também representava uma “esfera pública”, resguardadas as devidas proporções ao nosso período em estudo.

A linha divisória entre Estado e sociedade, fundamental para o nosso contexto, separa a esfera pública do setor privado. O setor público limita-se ao poder público. Nele ainda incluímos a corte. No setor privado também está abrangida a “esfera pública” propriamente dita, pois ela é uma esfera pública de pessoas privadas. Por isso, dentro do setor restrito às pessoas privadas, distinguimos entre esfera privada e esfera pública. A esfera privada compreende a sociedade civil burguesa em sentido mais restrito, portanto o setor da troca de mercadorias e do trabalho social; a família, com sua esfera íntima, está aí inserida. A esfera pública política provém da literária; ela intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade (HABERMAS, 1984, p. 45-46 - grifo do autor).

Sobre a teoria da “esfera pública”, Thompson (2005, p. 68) também disserta: “Esta nova esfera pública não fazia parte do estado, mas, pelo contrário, era uma esfera em que as atividades do estado poderiam ser confrontadas e sujeitas à crítica.” Isso era possível através do “uso público da razão, articulada por indivíduos comprometidos na discussão que era *em*

*princípio* aberta e irrestrita” (p. 68 - grifo do autor). Portanto, através dessas oportunidades, a elite poderia reunir-se em espaços comuns e se socializar com os membros de seu grupo social, discutindo os assuntos públicos numa esfera pública entre privados.

### **Entretendo-se nos trópicos: elites em cena**

Os reinóis portugueses, de início, foram auxiliados pela elite local. Tal situação revelou a fragilidade do reino e de uma corte cujo prestígio estava em declínio na Europa. Esses indivíduos eram portadores de títulos nobiliárquicos, mas no Brasil tiveram que recorrer a outra elite capaz de auxiliá-los com seus recursos financeiros. Essa elite era um grupo que ascendeu socialmente de modo que sua condição no cenário do Rio de Janeiro lhes possibilitou desfrutar de uma situação social favorável. Entretanto, buscaram comprar títulos de nobreza para conquistar essa “distinção” e “prestígio” que uma sociedade de corte demandava. A essa interação propriamente econômica entre a elite portuguesa migrada e a local vinculam-se outras formas de interação e associação, ou seja, formas de sociabilidade que podemos identificar nas diversas comemorações e festividades promovidas no Rio de Janeiro e difundidas pela *Gazeta*.

Sobre o conceito de elite, Flávio Heinz (2006, p. 7) diz que não há consenso, tampouco quem integra esse grupo, dada sua imprecisão e utilização de forma generalizada. Para Giovanni Busino, elites, no plural,

qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade (BUSINO, 1992, apud HEINZ, 2006, p. 7).

Nesta análise, consideramos elite todos aqueles que podiam desfrutar de uma posição privilegiada em relação aos demais, podendo pertencer à elite econômica, política, intelectual, eclesiástica, ou ser membro da nobreza, dentre outros. Esse grupo do qual falamos, assim como trata Malerba (2000), é um misto da elite mercantil e terratenente com a nobreza exilada de Portugal. E assim, como menciona Norbert Elias, há uma necessidade constante para se manter elite, pois, afinal, outros podem ocupar tal posição, seja pela ascensão do outro, seja pelo declínio deste. Isso fica mais evidente numa sociedade de corte, que, segundo o autor, é uma extensão da casa do rei, que para manter o poder sobre esse vasto território mantinha uma relação de mediação com os indivíduos que faziam parte da corte (ELIAS, 2001, p. 66).



A sociabilidade neste trabalho é entendida a partir de duas teorizações: para Elias (2001), a elite tende a manter seu *status* e deve garantir esse prestígio numa “interdependência” que oscila em razão dos movimentos dos demais, que podem ascender ou ter sua posição rebaixada. Nesse aspecto, vemos a sociabilidade enquanto intencionalidade, uma aproximação prospectando algum ganho, prestígio; por outro lado, na teoria de Georg Simmel (2006), a sociabilidade é entendida enquanto “forma lúdica de sociação”, cujas relações pessoais não se limitam a interesses específicos, abrindo espaço para outras relações, onde os indivíduos que fazem parte são movidos pelo desejo de estar socializados. Considerando as duas possibilidades nos eventos festivos é pautada esta análise.

As festas eram ocasiões especiais para se divertir, momentos de festejar, comemorar, celebrar. No entanto, não era possível ter um controle sobre esses eventos, por si só imprevisíveis. “O que faz da festa um acontecimento múltiplo é justamente a circularidade de situações, ações e reações construídas e reelaboradas pelos diferentes sujeitos sociais que, de uma forma ou de outra, constroem essa dinamicidade” (KATRIB, 2006, p. 382). As festas poderiam servir também para resoluções de questões pessoais, disputas, rixas, levando a que tivessem não somente seu lado alegre, mas também o de medo, pois da mesma forma que possibilitavam o encontro de vários grupos, abriam espaço para que os desafetos viessem à tona (PRIORE, 1994, p. 120-121).

Porém, se a elite tinha maior destaque nas festas oficiais, José Ramos Tinhorão (2000, p. 67) salienta onde ficava a população em geral:

Colocada sempre à margem das festividades públicas de caráter oficial, das quais participava apenas na condição de espectador, seria nas solenidades religiosas – especialmente em certas procissões – que a gente comum dos primeiros centros urbanos coloniais estava destinada a encontrar oportunidade de figurar como personagem ativa desde o século XVI.

Apesar de um claro distanciamento entre a elite e o restante da população, principalmente com relação às festas, havia momentos de interação, contato. No transcorrer da vida cotidiana e cidadã não somente os olhares se cruzavam, todavia, os marcadores sociais ressaltavam a distinção.

### **A sociabilidade nas festividades publicadas na *Gazeta do Rio de Janeiro***

Uma das comemorações frequentes que ocorriam, sempre noticiadas na *Gazeta do Rio de Janeiro*, eram os aniversários de membros da família real. A descrição da notícia variava, dependendo de qual membro da família real estava comemorando seu natalício. Algumas

tinham um relato mais sucinto e descrições padrão, presentes também em outras menções de mesmo tipo.

O que chamamos de “padrão” é o destaque a alguns atos da comemoração, repetindo um determinado protocolo. A *Gazeta* costumava descrevê-lo nas edições demonstrando que fazia parte da festividade. As fortalezas e navios embandeirados dando salvas era um desses. Nessas ocasiões, a elite demonstrava sua fidelidade e submissão, cumprimentando suas altezas reais, um gesto que aproximava essas “pessoas distintas” da nobreza real. A gazeta também se refere às mesmas saudações ao monarca feitas pelo corpo diplomático e os membros das corporações de ofício que manifestavam sua estima, cumprimentando o monarca e sua família por tal casualidade.

A nomeação desses grupos distintos na gazeta era uma forma de exaltação e prestígio. Denotava uma proximidade com a família real. Essa “interdependência”<sup>9</sup> fazia parte da estrutura social e reforçava a manutenção desses laços. A nomeação do grupo na notícia fazia parte do reconhecimento desses sujeitos, partilhado por meio das representações e distinções sociais em decorrência dessa relação e divulgação.

As descrições semelhantes das festividades na *Gazeta*, como as salvas de artilharia, as fortalezas embandeiradas e, ainda, as pessoas distintas que iam saudar o monarca, indicam que determinados protocolos faziam parte de muitas comemorações. A maioria das notícias sobre as festas simplesmente repetia o protocolo oficial, que era o mesmo em outras ocasiões. Por isso, a *Gazeta do Rio de Janeiro* reproduzia a festa por meio de um relato com poucas ampliações ou complementos, e o que não era mencionado ficava restrito ao público participante. Era também uma forma de simplificar o trabalho do redator. A elite participava das festas e, posteriormente, acompanhava sua divulgação e repercussão na imprensa.

Mesmo que resumidamente, a notícia seria repercutida e era importante lembrar os leitores da passagem desses acontecimentos, pois a publicação dos eventos fazia parte do que Elias (2001) chamou de “prestígio”, decorrente, em parte, do que Chartier (1991) denomina de “representação”. O prestígio advindo dessas representações necessitava, entretanto, de um reconhecimento por parte do público. Vejamos um exemplo mais detalhado noticiado na *Gazeta* sobre a festa em comemoração ao natalício de Dona Leopoldina, princesa real do Reino Unido de Portugal Brasil e Algarves, em 1819:

Sexta feira, 22 do corrente, Faustissimo Natalicio de S. A. R. a Princeza Real do Reino Unido de *Portugal*, do *Brasil* e *Algarves*, Se Dignou EL-REI Nosso Senhor de receber no Real Paço da Cidade, o Corpo Diplomatico, a Corte, e

---

<sup>9</sup> Entendida conforme ELIAS (2001).

numerosissimo concurso de pessoas das classes mais distintas, vestidas de grande gala, que se appressarão a dar a SS. MM. e AA. RR. os mais fervorosos testemunhos de respeito, e regozijo por tão solemne motivo; contribuindo a estas festivas demonstrações as salvas das fortalezas, que guarnecem este porto, e das embarcações de guerra nelle surtas, todas embandeiradas na fôrma costumada.

Á noite EL-REI Nosso Senhor, Acompanhado de Sua Augusta Familia, se transportou em grande estado ao Real Theatro de S. João, onde, em obsequio ao mesmo Faustissimo Objecto, se expoz o seguinte divertimento.

Estava o Theatro rica e profusamente iluminado com globos e mangas de vidros de diferentes grandezas, e variadas fôrmas, e era brilhantissimo o concurso de pessoas distintas vestidas em grande gala, com a maior elegância, e riqueza. Logo que Aparecerão Suas Magestades e Altezas Reaes, se derão unanimes *Vivas* a EL-REI Nosso Senhor, repetidos com exaltado entusiasmo. Recitou-se hum elogio allegorico, acompanhado de musica, e ornado com as effigies de SS. MM. , e de SS. AA. RR. o Principe e Princeza Real. Seguio-se a Opera seria intitulada, *Caçada de Henrique IV*, musica excellente da composição do celebre *Puccita*. No fim do 1º Acto se desempenhou hum Balle Serio Pantomimo intitulado *Ulysses e Penelope*, da composição de *Augusto Toussaint*, Primeiro Dançarino do mesmo Theatro; rematando o divertimento com o 2º Acto da Peça.

Por este plausivel motivo se publicarão vários despachos pelas differentes Secretarias de Estado, que daremos em Gazeta Extraordinária Segunda feira 25 do corrente (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, n. 7, 23 jan. 1819, p. 1).

Como já mencionamos, várias pessoas iam ao encontro do rei e de sua família para saudá-los, como podemos evidenciar pela notícia. O redator na ocasião era Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que não foi modesto ao mensurar o número de indivíduos que estiveram presentes, e informa utilizando a palavra “numerosíssimo” para descrevê-los. Menciona, ainda, estarem vestidos em grande gala. As elites em cena na ocasião utilizavam um dos elementos de distinção que ressaltava seu *status* social: a vestimenta. Num evento desse nível, compartilhando o mesmo ambiente com outros membros da elite, deveria utilizar-se de – na expressão de Pierre Bourdieu (2007) – “sinais distintivos” que pudessem ressaltar sua posição perante aos demais e ao monarca.

O teatro desempenhou importante papel nessas comemorações. Segundo Malerba (2000, p. 98), servia “para as mais variadas formas de reverência dos fluminenses de extração elevada e da corte, não apenas em momentos críticos como as vitórias militares”. E prossegue o autor: “Em todos os aniversários e dias festivos, dos nomes, batizados, casamentos dos membros da família real, era ali o lugar privilegiado onde se reiteravam os vínculos de fidelidade dinástica.”

É preciso ressaltar que os espetáculos eram variados, podendo haver mais de uma modalidade de apresentação numa mesma noite. Da mesma forma, não podemos esquecer de mencionar a ópera, que, igualmente, fez parte dessa e de outras festividades. Para sua presença no Rio de Janeiro, Paulo Kühl (2008, p. 98-99) destaca três explicações: pelo interesse da corte, que em Portugal frequentava esses ambientes; por uma questão de diversão; por uma missão civilizatória, embora aqui o autor alerta o cuidado com alguns

elementos. Nesse sentido, a ópera foi mais uma atração dentro desse ambiente de socialização cada vez mais partilhado com a elite fluminense.

Também era recorrente publicar despachos em que se promoviam indivíduos pela fausta ocasião. Normalmente, era na sequência da notícia da festa, mas dependia da comemoração em si, podendo ou não nomear os sujeitos. Era possível também publicar numa edição posterior, como podemos inferir no exemplo citado, o natalício de Dona Leopoldina. Isso demonstra que o entretenimento era, igualmente, uma comemoração do rei (e sua família) e do Estado.

Uma mescla entre elementos religiosos e políticos também ocorria, como no exemplo da festividade em consagração ao patrono da cidade São Sebastião e ao infante Dom Sebastião no dia 20 de janeiro de 1819. O rei e sua família foram assistir a uma missa na capela real, na qual também houve música e oração panegírica, estando as fortalezas e embarcações embandeiradas e dando salvas (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, n. 7, p. 1, 23 jan. 1819).

Comemorações alusivas ao aniversário da chegada do rei e sua família ao Brasil eram outro motivo de comemoração, como noticiado em 1810. Celebrou-se uma festa de ação de graças com missa, oração e finalizada com um *Te Deum*. Ainda, por essa ocasião, as fortalezas e embarcações também estiveram embandeiradas, havendo inclusive um beija-mão público, recebendo o monarca as felicitações da “Côrte, Corpo Diplomático, e de todas as Classes distintas dos seus Vassallos” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, n. 21, p. 4, 14 mar. 1810). Uma data festiva que ressaltava e demonstrava o louvor dos súditos aos dois anos da chegada da família real.

O beija-mão era um ritual antigo em que os súditos, num ato simbólico, beijavam a mão do monarca, reiterando vínculos de fidelidade e submissão. Não era exclusivo ao rei, podendo ser praticado com outros membros da família real. Esse ato simbólico também pode ser evidenciado em outras festividades, sendo, portanto, comum a determinados festejos.

Não faltaram ocasiões para comemorar batismos, casamentos de membros da família real, comemorações de cunho político, como a restauração de Pernambuco (1817), elevação do Brasil a Reino Unido, proporcionaram momentos de festividade para os habitantes do Rio de Janeiro e demais capitanias. Menção especial mereceu a aclamação de Dom João, em 1818, na qual a *Gazeta* concedeu grande espaço.

Também comum a algumas festividades eram as touradas. Fizeram parte da comemoração do natalício do sucessor da dinastia de Bragança, o príncipe da Beira Pedro de Alcântara. A *Gazeta* do dia 6 de outubro antecipou o local da festa e programação que seria

no campo de Santana. “Naquellas tardes haverá ali alternadamente Corridas de Touros e Cavalhadas, e concorrerão Danças e Mascaras, que o Povo, com tanto gosto como despeza, tem arranjado para testemunhar por este modo o seu contentamento” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, n. 80, p. 3, 6 out. 1810).

Por essa notícia podemos não só evidenciar as touradas como uma das atrações, como também o papel do povo que tem contribuído para tal acontecimento. O momento em questão ajuda a entender esse divertimento. “O Rio de Janeiro desse período era uma pequena concentração urbana cercada de chácaras e fazendas. O público tinha grande familiaridade com cavalos e touros. Assim, o gosto pelas touradas não se produzia por contraste, mas por afinidade com a vida cotidiana” (MELO, 2013, p. 386).

As festas de grande repercussão eram divulgadas e os preparativos eram realizados. A decoração dos cenários festivos incluía também a construção de monumentos, dependendo da comemoração. A iluminação fez parte de muitas festas e foi um dos principais constituintes. Para que todos pudessem iluminar suas casas e estabelecimentos, os materiais utilizados eram mais simples. “Em geral, compunha-se de velas, luzes, transparências, cera, pavio etc, materiais de fácil aquisição, baratos e de curta duração, o que permitia que fossem construídas num curto prazo de tempo” (SOUZA, 1999, p. 225). Nesse sentido, todos podiam participar dos festejos, ao menos da iluminação, sentindo-se incluídos dentro da coletividade festiva.

Dessa forma, as festividades e eventos lúdicos foram importantes momentos que proporcionaram interação entre as elites no Rio de Janeiro. Nesses ambientes desenvolveu-se uma sociabilidade que evidenciava muitos elementos característicos do Antigo Regime. Como salienta Malerba (2000, p. 273), esse *ethos* continuou a ser reproduzido na colônia com a presença da corte.

A partir da exposição de algumas das principais festividades publicadas na *Gazeta do Rio de Janeiro*, bem como dos elementos que integraram essas comemorações, verificamos o quanto eram necessárias para o funcionamento daquela estrutura social que ainda insistia em manter um *ethos* absolutista, mesmo que em decadência.

A *Gazeta*, ao alertar a antecipação dessas festividades, posteriormente difundindo as informações sobre os eventos, contribuía para reforçar o idealismo que pairava sobre esses acontecimentos e que adquiria um significado simbólico necessário, especialmente para a manutenção do poder régio. A elite financiou muitos desses eventos, estreitando sua relação com os membros da corte. “Prestígio” era um fator que mobilizava esses sujeitos e a *Gazeta* contribuía ao fazer menção em decorrência dos festejos. Parte da elite local não era vista como nobreza, mesmo desfrutando de uma condição social que lhe proporcionasse uma vida

cômoda. Esse prestígio era adquirido mediante merecimento por trabalhos realizados e pagamento pelo título de nobreza. “Distinção” que era verificada nas festividades e nas menções que a gazeta realizou.

### **Considerações finais**

O período joanino no Brasil (1808-1821) foi propulsor de transformações especialmente no Rio de Janeiro. É nesse cenário que a sociabilidade das elites foi analisada. As festividades fizeram parte desse momento histórico de grande significação na história brasileira.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* contribuiu para informar aos leitores sobre os acontecimentos que ocorriam naquele momento. E como órgão ligado ao governo, a recepção das mensagens e do conteúdo expresso devia considerar essa relação ideológica. Ao mesmo tempo em que fala de uma sociedade, dirigia-se a essa. Por isso, o olhar da imprensa sobre os acontecimentos que ganhavam as páginas da gazeta e as particularidades que a mesma impôs no exercício de sua atividade devem ser compreendidas dentro de um contexto mais amplo.

O argumento que buscamos apresentar a partir de uma hipótese suscitada pelas contribuições de Guerra (2002) e Pimenta (2003) é que a *Gazeta do Rio de Janeiro*, ao divulgar informações sobre as festividades, contribuiu na sociabilidade da elite, ampliando e reforçando a importância desses eventos no imaginário de sujeitos que almejavam “prestígio” e “distinção”. Ao tornar pública sua divulgação, preparava o cenário em que as relações de sociabilidade seriam engendradas. Ao mesmo tempo, enfatizava a importância desses acontecimentos com menções que poderiam se prolongar em mais de uma edição, assinalando sua importância e mantendo o tema na pauta das discussões na “esfera pública”. Além disso, outro fator significativo foi que a valoração dessas festas acarretava a promoção de sujeitos nos despachos, seguidos da descrição de algumas festividades, ampliando seu prestígio social.

O período histórico analisado permite-nos associar os eventos festivos com a própria necessidade da *Gazeta*, que, segundo Juliana Meirelles (2007), era necessária num regime absolutista, e que nos trópicos tenta ser reproduzido. Logo, o entendimento das festas a partir do imbricativo entre história e imprensa nos mobilizou a empreender esta investigação e possibilitou um olhar mais atento sobre a sociabilidade da elite no Rio de Janeiro, do qual a *Gazeta* demonstrou estar intimamente ligada. Por isso, a *Gazeta do Rio de Janeiro* atuou na construção e fortalecimento das relações de sociabilidade entre a elite nas festividades, contribuindo e reforçando parte de uma estrutura social que tentaram preservar.

**Fonte:**

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1808-1821.

**Bibliografia:**

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução de Pedro Süssekind; prefácio, Roger Chartier. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUERRA, François-Xavier. <<Voces del pueblo>>. Redes de comunicación y orígenes de la opinión en el mundo hispánico (1808-1814). *Revista de Indias*, [S. l.], v. 62, n. 225, p. 357-384, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 7-15.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. No (des)compasso da festa: o reencontro de muitas histórias. *História e Perspectivas*, Uberlândia, v.1, n. 34, p. 367-392, jan. - jun. 2006.

KÜHL, Paulo Mugayar. Ópera e Celebração: os espetáculos da corte portuguesa no Brasil. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 97-114, jan./jun. 2008.

LIMA, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821). *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 49, p.27-41 2º sem. 2007.

- MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 19, n. 40, p. 365-392, jul./dez. 2013.
- MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. *Educação*, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.
- PEDREIRA, Jorge; COSTA, Fernando Dores. *D. João VI: um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PIMENTA, João Paulo G. *O Brasil e a América espanhola (1808-1822)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- PRIORE, Mary Del. A vida cotidiana do Rio de Janeiro. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a. 168, n. 436, p. 313-333, jul./set. 2007.
- \_\_\_\_\_. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHULTZ, Kirsten. Perfeita Civilização: a transferência da corte, a escravidão e o desejo de metropolizar uma capital colonial. Rio de Janeiro, 1808-1821. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 15-37, jan. - jun. 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Versalhes tropical: império, monarquia e a Corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- SOUZA, Iara Lis Franco Schiavinatto Carvalho. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo - 1780-1831*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000.